

LEXICON ICONOGRAPHICUM MYTHOLOGIAE CLASSICAE. Vol. IV: EROS-HERACLES. 2 Vols. In IV encadernado. Vol. 1 texto, XXIX-951 p., vol. 2 pranchas, 716 p., com 635 pranchas. Zürich. München: Artemis Verlag, 1988.

O Lexicon IV veio a público em 1988, na Suíça, dois anos após a publicação do Lexicon III. Pelo fôlego e critérios exigidos para a pesquisa do material iconográfico, vê-se que o ritmo dessas pesquisas está acelerado e podemos esperar em breve a publicação dos dois volumes restantes, os volumes VI e VII, pois o volume V também se encontra em circulação.

Como não poderia deixar de ser, o volume IV segue a beleza de impressão e a qualidade fotográfica dos volumes anteriores bem como o ótimo nível científico dos autores e colaboradores dos verbetes.

O volume abre-se com as representações de EROS na Etrúria, continuando o verbete EROS publicado no LIMC III, e fecha-se com o herói HERACLES cujo verbete é concluído no LIMC V. Este volume IV traz, ainda, uma adenda compreendendo DEMETER, DEMETER-CERES, DIONYSOS-BACCHUS.

Dentre os verbetes que vão de EROS a HERACLES, encontramos os de divindades tão importantes como HADES e HERA ou, então, de personagens míticas como EUROPA e HELENA afora a inclusão de um deus fenício identificado com ASKLEPIOS, ESLTMOUÑ de um deus celta da floresta, ESUS, e de alegorias gregas como EUANDRIA, personificação da coragem e da virilidade e EUDAIMONIA, personificação da prosperidade e da felicidade.

O LIMC efetivou-se com o propósito de apresentar uma documentação escrita e iconográfica não exaustiva mas significativa da mitologia grega, etrusca, romana e

das regiões adjacentes a Roma; para isto estabeleceu uma linha metodológica a ser cumprida: a constituição de um *corpus* imagístico fundamentado na própria iconografia; ou seja, as imagens vistas através das imagens.

Mas se o LIMC, enquanto obra, na sua proposta e mesmo efetivação demonstra-se homogêneo, é no seu desmembramento que surgem as diferenças decorrentes seja do direcionamento científico de cada autor, seja da natureza da figura mitológica e de sua representação.

Uma pequena diferença pode ser vista na estruturação do artigo e do catálogo, por exemplo: o autor Martin Robertson organizou o verbete EUROPA por divisões temáticas, abrangendo sem distinção as imagens gregas e romanas como os diferentes suportes iconográficos. Entretanto, Francis Vian, para o verbete GIGANTES, fez uma divisão por origem, datação e suporte material.

O verbete de Francis Vian é um exemplo do tamanho e da profundidade da pesquisa empregada em um trabalho com tal ambição. Francis Vian arrola uma extensa documentação escrita e analisa com rigor essas fontes textuais.

Suas referências bibliográficas não são volumosas, porém expressivas e contêm um trabalho de sua autoria, essencialmente iconográfico: *Repertoire des gigantomachies figureés dans l'art grec et romain* (1951). Vian realiza um catálogo com primor, variedade, riqueza e introduz documentos da Gália, da Germânia e da Europa Central. Seu catálogo, como já dissemos, divide-se por origem, cronologia e suporte material. Por fim, o comentário do autor, voltado para a análise iconográfica, dá preferência à análise do tipo iconográfico e suas variações.

Outro verbete importante, tanto pela execução como pelo personagem mitológico apresentado, é o escrito por Ingrid Krauskopf: GORGO, GORGONAS. A autora faz uma ampla

citação bibliográfica, em especial para os artigos, com pequenos comentários. As fontes literárias são dadas por um colaborador, Stefan Christian Dahlinger que comentou também as fontes textuais para HADES. A documentação iconográfica e o comentário final da autora são vastos e sistemáticos, compreendendo as produções gregas, italiotas e etruscas, a última tratada separadamente.

No artigo de I. Krauskopf fica evidente que não é só o direcionamento científico do autor mas, ainda, a natureza da figura mitológica e de suas representações que impõem o tom e a execução do catálogo. Aqui, no caso de Górgona, deparamos com um fenômeno peculiar à imagística que é a imagem transformada em objeto: a representação do rosto da Górgona enquanto objeto apotropaico. São inúmeras as imagens da Górgona atuando não em um contexto narrativo e, sim, funcionando como objeto. No mesmo rol entram as imagens dos vasos áticos nos quais vemos a Górgona representada em escudos ou peitorais, principalmente no escudo ou no peitoral de Atena. De outro lado, acham-se as imagens da Górgona de corpo inteiro, agora dentro de contextos narrativos.

Devido à natureza dessas representações, Krauskopf organizou o catálogo seguindo uma divisão por tipos iconográficos e uma outra por temas mitológicos.

A autora expõe-nos duas imagens muito interessantes: a primeira trata-se de uma pintura mural da tumba de Paestum, séc. IV a.C., onde um Caronte tem as feições da Górgona e asas; a segunda provém de uma hídria etrusca com figuras negras, do séc. V a.C., na qual uma Harpia segura em cada mão um morto e o seu rosto é semelhante ao da Górgona: uma documentação valiosa por seu aspecto singular e não incidente.

Outra preciosidade desta documentação são as imagens da Górgona relacionadas ao triscele, onde há certas recorrências das composições da figura da Górgona movi-

mentando-se de forma que seus braços e pernas figurem o trikcele.

Para o verbete das Górgonas romanas, o mesmo padrão confirma-se no artigo e catálogo de Orazio Paoletti.

Por sua vez, HADES, a grande divindade infernal, mereceu um verbete realizado por três autores: o Hades grego, italiota e romano com o catálogo organizado por divisão temática da autoria de Ruth Lindner; o Hades etrusco, AITA-CALU, da autoria da I. Krauskopf; o comentário das fontes textuais é de S.C. Dahlinger. Em ambos faltaram alguns documentos importantes no que diz respeito à iconografia dos vasos italiotas e etruscos. Para a documentação etrusca, dois vasos deveriam ser acrescentados: uma hídria do Museu do Vaticano, final do séc. V a.C., a qual figura em um dos lados um homem em uma biga e no outro um jovem decorando uma tumba (Trendall, A.D. *Vasi Antichi Dipinti del Vaticano*. Vaticano, V.II, 1955, pr.59); uma cratera, de coleção particular, do séc. IV a.C. que figura no pescoço a cabeça de um homem barbado e com a pele de um dragão na cabeça (Sena Chiesa, G., *Archeologia Classica*, Roma, 38, 1981, p. 203-21). As duas imagens serviriam para uma discussão e contraponto do tipo iconográfico do Hades etrusco.

O herói HERACLES fecha o volume, sem contar a adenda, com uma impressionante documentação prolongada até o LIMCV.

Na verdade, a grandiosidade do conteúdo do LIMC necessita de análises pontuais possíveis de esclarecerem os critérios aplicados na seleção do material iconográfico e a orientação seguida por cada autor, já que o LIMC também é uma obra interpretativa.

ROSELI FELLONE

Pós-Graduação em Antropologia Social
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo